

Multidões, Turbas e Armas Não Letais

Oficial Especialista Chefe (Res) Sid Heal, CFN dos EUA

A MANUTENÇÃO da paz não é nem fácil nem indolor mas sim repleta de perigos, mal-entendidos e sujeita ao criticismo. De acordo com um líder político, “manter a paz, tenho descoberto, é bem mais complicado do que fazer a guerra.”¹ Para cumprir as difíceis missões de manutenção da paz, ser considerado justo é mais importante do que ser considerado poderoso. A recompensa pode ser substancial já que “a maior honra legada pela história é a de pacificador.”²

Manutenção da Paz x Guerra

Um exame da manutenção da paz e da guerra, apesar de suas similitudes, é um contraste. Primeiro, as operações de manutenção da paz são altamente sensíveis aos objetivos políticos e tendem a colocar o militar em um papel de apoio, mais do que no de liderança. O militar desenvolve doutrina e aperfeiçoa procedimentos para se preparar e executar uma guerra. Porém, as operações de manutenção da paz apresentam novos problemas para os quais existem poucas soluções disponíveis de imediato.

Segundo, os adversários durante operações de manutenção da paz são muitas vezes amorfos e difíceis de identificar. Facções de duvidosas lealdades e alianças podem ser aliados em um dia e inimigos no outro. Frequentemente, estas facções tentam dar continuidade às suas causas, não por meio de uma vitória mas por provocarem situações nas quais podem ser consideradas como vítimas. Enquanto que inimigos podem ser vencidos, este aspecto peculiar de certos adversários da manutenção da paz torna difícil a aplicação de qualquer força.

Terceiro, enquanto que a força é o meio predominante de impor as ordens do comandante durante a guerra, em missões de manutenção da paz o seu emprego pode

ser contraproducente. A paz, quando imposta a qualquer custo, pode ser vista como tirania. O historiador romano Publius Cornelius Tacitus observou que “uma paz ruim é pior do que uma guerra.”

Quarto, influências destrutivas em uma comunidade sempre competem com o direito legítimo da sociedade em detê-las. Os cidadãos ou obedecem mandatos legítimos ou desafiam a lei e qualquer esforço em favor do seu acato. Esta tensão não desaparece quando é restaurada a estabilidade; simplesmente a lei civil substitui a força militar de manutenção da paz.

Cidadãos como Combatentes

A mudança dos membros de uma comunidade pacífica e obediente às leis a se tornarem perigosos e ameaçadores adversários tem sido estudada há séculos. Em 408 AC, o dramaturgo grego Eurípides notou que “turbas, em suas emoções, são como crianças, sujeitas às mesmas demonstrações de raiva e ataques de fúria.”³ Séculos depois, membros das turbas, como crianças, ainda tendem a serem emotivos, imaturos e inconscientes. São inclinados a agirem impelidos pelas suas frustrações ao invés de buscarem soluções significativas. Felizmente, turbas não surgem do nada mas aumentam e desenvolvem em estágios sucessivos.

As demonstrações nos EUA relativas aos direitos civis e a Guerra do Vietnã durante os anos 60 e início dos 70, geraram muito estudo sobre as características de uma turba. Com base neste trabalho, algumas generalizações proporcionam um critério do processo.

Os costumes, as atitudes e maneiras tradicionalmente aceitos na sociedade, ditam o padrão da boa conduta. Quando uma pessoa se encontra em meio à emoção de uma multidão alterada, um número de influências psicológicas tendem a reduzir o impacto da moral, ou em al-

guns casos, obscurece-la por completo. Foram identificados oito fatores psicológicos distintos:

- A novidade. Indivíduos podem subconscientemente aceitar de bom grado uma mudança da rotina e reagem entusiasticamente à nova circunstância.

- As turbas proporcionam uma vazão às frustrações e a raiva contidas, mesmo se a pessoa encontra-se apenas minimamente envolvida com o motivo por trás da situação. Por exemplo, durante os últimos estágios dos tumultos de Los Angeles, em 1992, entrevistas da mídia com saqueadores revelaram que muitos não haviam sequer ouvido falar em Rodney King ou souberam do veredicto do júri no caso (dos policiais acusados de tê-lo espancado).

- Os membros de uma turba sentem uma sensação de poder. De fato, se as autoridades forem incapazes ou não querem intervir, essa sensação de poder aumenta.

- Com esta sensação de poder, surge o sentimento de irresponsabilidade e mesmo um espírito justiceiro. A motivação da turba faz com que o indivíduo raciocine sobre suas ações até convencer-se de que estas são moralmente justificadas.⁴

- O indivíduo fica disposto a aceitar sugestões de qualquer pessoa que aparenta ter melhor entendimento da situação. Muitos na multidão nem sabem das verdadeiras causas do problema e simplesmente aceitam as sugestões dos demais sem medir as conseqüências.

- As pessoas tornam-se emocionalmente estimuladas e, mesmo sem ter a mesma indignação ou ressentimento, sentem empatia. Esta estimulação produz contágio — as pessoas se imaginam nas mesmas dificuldades e têm emoções similares de frustração e raiva. Assim, a turba se alimenta da excitação emocional. Este espiral de emoções continua até se esvaír ou até ser detido por uma intervenção.

- O contágio aumenta a vontade de adaptação e as pessoas se entusiasmam para imitarem as outras. Porque a turba muitas vezes ataca qualquer resistência, a vontade é enorme.

- À medida que indivíduos aceitam as idéias e ações do grupo, seus sentidos de identidade tendem a se ofuscar e passam ainda, a sentir maior empatia com a turba. Isto então incentiva a queda das proibições sociais pois o indivíduo sente que, por não poder ser identificado individualmente, não será acusado ou punido, não obstante o que fizer.

A Turba como Adversário

A falta de inimigos durante as operações de manutenção da paz não deve ser confundida com a falta de adversários. Facções da comunidade podem estar unidas por meio de laços familiares, éticos, religiosos, econômicos ou por crenças políticas — ou uma combinação destas. Para complicar ainda mais a situação, sempre

que ditado pelas circunstâncias, às vezes estas facções criam alianças temporárias com outras facções. Com estes relacionamentos dinâmicos, a única coisa certa é que uma intervenção de qualquer espécie poderá apaziguar alguns enquanto enfurece a outros.

As turbas não exemplificam o tradicional conceito do que representa um inimigo. Enquanto que uma turba pode ser tão formidável quanto um exército, faltam-lhe os atributos convencionais tais como a formalidade de

Qualquer um que tenha participado de tumultos e batalhas pode atestar a semelhança das reações emocionais em ambos. Tanto um quanto o outro fomentam um grande nível de fúria, medo, confusão, ansiedade, indignação e excitação. Ambos dão vazão ao que há de melhor e pior nas ações e motivações humanas. Tão comuns são os feitos de extraordinário heroísmo, como são os atos de desprezível covardia e egoísmo. Porém, existem duas diferenças fundamentais. A primeira é que, enquanto as batalhas são motivadas por um esforço consciente e proposital, os tumultos surgem de uma série de singulares e temporárias circunstâncias. Isto é porque o que dá início ao tumulto e a sua causa têm diferenças distintas e fundamentais.

um comando e controle, os objetivos definidos ou o esforço direcionado e unificado. Não há uma vontade independente mas uma coalizão de intenções dispersas e temporárias. Os membros são levados pela emoção mais do que por ideologia ou por um espírito de dever moral. Seus líderes são mais provavelmente carismáticos do que competentes. Portanto as “operações” serão provavelmente mais espontâneas do que cuidadosamente planejadas. Além de tudo, ao contrário dos exércitos, as turbas não precisam necessariamente se saírem “vitoriosas”, já que freqüentemente uma situação é decidida pela forma com que a turba foi tratada e não com base no sucesso ou fracasso de suas ações.

O mais simples agrupamento de pessoas é chamado uma “multidão casual”. Os membros não têm um interesse nem propósito comuns, simplesmente encontram-se em um mesmo local e ao mesmo tempo. Seu nível emocional é bem baixo e as pessoas se vêem como

indivíduos e não como membros de um grupo. Uma provocação substancial seria necessária para motivar este tipo de multidão à violência.

Uma “multidão coesiva” se reúne com um propósito específico. Enquanto que os membros se vêem como indivíduos, podem ter uma disciplina interna intensa. Por

A mudança dos membros de uma comunidade pacífica e obediente às leis a se tornarem perigosos e ameaçadores adversários tem sido estudada há séculos.

Em 408 AC, o dramaturgo grego Eurípidés notou que “turbas, em suas emoções, são como crianças, sujeitas às mesmas demonstrações de raiva e ataques de fúria.” Séculos depois, membros das turbas, como crianças, ainda tendem a serem emotivos, imaturos e inconscientes. São inclinados a agirem impelidos pelas suas frustrações ao invés de buscarem soluções significativas. Felizmente, turbas não surgem do nada mas aumentam e desenvolvem em estágios sucessivos.

exemplo, espectadores de um evento esportivo quase sempre estão carregados de muita emoção e energia. Este tipo de multidão pode se tornar violenta, mesmo que com pouca frequência.

A “multidão expressiva” é caracterizada pelo sentimento unificado de sentimento e frustração. Os membros permanecem unidos por um propósito em comum e procuram por liderança. Seu nível emocional pode variar desde a resignação a um estado altamente agitado. Quando agitados podem ser facilmente levados à ação, se ficarem frustrados em suas tentativas de expressarem o seu desagrado.

Já a “multidão agressiva” tem sentimentos fortes. Membros deste grupo encontram-se unidos de forma definida, e muitas vezes expressiva, em um mesmo propósito. A identidade do indivíduo fica praticamente inexistente enquanto que adota os sentimentos do grupo. Os integrantes transbordam com emoção e são impulsivos, dispostos a serem levados a comportamentos destrutivos e de índole criminal. Das multidões, esta é a mais perigosa e pode ser rapidamente incitada a ser tornar uma turba, ou seja, uma multidão em desordem.

A “turba agressiva” é o próximo passo progressivo, distinta da anterior “multidão agressiva” apenas por chegar a *concretizar* algum tipo de ato violento ou com-

portamento criminoso. O objeto de sua violência pode ser um indivíduo, propriedade ou ambos. Um tumulto muitas vezes é o resultado da descarga da raiva e emoção até então contidas. Motivadas primeiramente pela emoção, as ações deste tipo de turba tendem a ser de curta duração.

“Turbas expressivas” buscam o escape da emoção contida e encaram a violência como um meio legítimo de expressarem sua causa. Devido às suas frustrações e demandas por um foro, os membros são irracionais e muitas vezes fazem demandas exorbitantes.

A “turba aquisitiva” é motivada pelo desejo de adquirir alguma coisa. Saqueadores exploram o caos e confusão resultantes do tumulto. Porque os membros são levados mais pela cobiça, o tumulto tende a durar muito mais. Por outro lado, com o nível emocional geralmente mais baixo do que em outros tipos de turbas, tendem a ser mais facilmente controlados.

“Turbas que fogem” são caracterizadas pelo pânico e são especialmente perigosas. Geralmente, apenas este tipo de turba pode instantaneamente escapar ao controle das autoridades.

A Cidade como Espaço de Batalha

É importante compreender algumas características gerais dos tumultos. Quase nunca ocorrem de manhã ou durante clima ruim, raramente em áreas rurais e quase sempre duram menos que um dia. Na sua maioria, os membros são homens desarmados que vão desde a adolescência aos vinte e tantos anos de idade. Quando de fato se armam, é com pedras, garrafas ou outras armas primitivas tais como bastões e estilingues.⁵ Os líderes de um tumulto emergem mais da turba do que por terem sido escolhidos anterior à mesma. Como a cidade é o seu espaço de batalha, as autoridades devem reconhecer sete características que a distinguem do terreno rural.

- O terreno urbano proporciona uma vantagem defensiva. Posições facilmente fortificadas oferecem cobertas e abrigos. As autoridades têm que manobrar por sobre terreno canalizado e compartimentado, vulneráveis a objetos jogados dos andares superiores e por detrás dos edifícios.

- Os desordeiros freqüentemente sobem e descem edifícios de múltiplos andares ou se movimentam até mesmo por porões, esgotos e espaços pequenos. Esta qualidade tridimensional interfere com a tática, o comando e controle, e as comunicações.

- Os adversários são engajados a distâncias bem próximas, muitas vezes menos de vinte pés. Os alvos aparecem temporariamente e por linhas de visão restritas.⁶ Os franco-atiradores podem bem estar armados com revólveres e executarem os tiros de oportunidade, como podem usar rifles de longo alcance desde posições previamente estabelecidas.



Soldados da Companhia A, 3ª Infantaria dos EUA (a Velha Guarda) em formação de controle de multidões, usando equipamento especial, formam uma barreira protetora de cassetetes e escudos para prover segurança à zona de aterrissagem no Forte McNair durante um exercício de contingência trimestral.

Continuando na ascendência do espectro do uso da força, estão as munições que causam trauma. Exemplos podem ser cassetetes, projetis de borracha, resinas e outras armas de efeito moral. São geralmente o ponto de separação no espectro do uso da força entre o que é a força letal e a não letal. No mais alto ponto do espectro existem as opções letais. Apesar de que devem ser identificadas as condições que justifiquem o uso da força letal, as opções letais devem sempre ser vistas como parte do espectro do uso da força e não como uma opção aparte.

- As comunicações são geralmente restringidas e esporádicas. Aparte de encontros breves e espontâneos aproximados, as pequenas unidades devem operar independentemente, ainda assim dependendo das unidades vizinhas para os reforços e do seu comando para o apoio logístico e durar na ação. Portanto, o planejamento centralizado e o controle descentralizado são críticos.

- A população civil está por toda parte. É virtualmente impossível manobrar por dentro de uma área habitada sem ser detectado. Da mesma forma, os cidadãos comuns podem se verem envolvidos em operações táticas simplesmente por estarem presentes.

- Ao contrário do ambiente rural, que tem poucas superfícies refletoras e nenhuma luz direta, o ambiente urbano tem ambas. A cidade é caracterizada por sombras inesperadas e luzes fortes, às vezes ofuscantes. Esta luz ambiental irregular interfere com a visão noturna.⁷

- Mais do que as características do terreno, os edifícios

têm valor. Além de seu significado tático, eles podem ter importância cultural, histórica, religiosa ou política.

Tumultos como Batalhas

Qualquer um que tenha participado de tumultos e batalhas pode atestar a semelhança das reações emocionais em ambos. Tanto um quanto o outro fomentam um grande nível de fúria, medo, confusão, ansiedade, indignação e excitação. Ambos dão vazão ao que há de melhor e pior nas ações e motivações humanas. Tão comuns são os feitos de extraordinário heroísmo, como são os atos de desprezível covardia e egoísmo. Porém, existem duas diferenças fundamentais. A primeira é que, enquanto as batalhas são motivadas por um esforço consciente e proposital, os tumultos surgem de uma série de singulares e temporárias circunstâncias. Isto é porque o que *dá início* ao tumulto e a sua *causa* têm diferenças distintas e fundamentais.

Tumultos são causados por profundos problemas sociais tais como a intolerância, disparidade econômica, as aparentes injustiças ou a discriminação. Estas causas enraizadas e influências negativas podem ter existido há séculos e encontram-se muito além das capacidades de qualquer força de manutenção da paz em conseguir reconciliá-las. Porém, muitas vezes, o que dá início a essas situações carregadas de emoção são as ações das autoridades. Até mesmo uma ação benigna ou não intencional pode provocar uma reação emocional e agressiva. E mesmo a falta de intervenção pode fomentar uma turba que sente que as autoridades são incapazes ou indiferentes em detê-los.

A segunda diferença entre tumultos e batalhas tem a ver com a preparação. Enquanto que batalhas ocorrem após cuidadosa deliberação e planejamento, tumultos seguem um caminho mais impulsivo e desorganizado. As batalhas são eventos coordenados; os tumultos evoluem.⁸ A evolução de uma multidão bem comportada para uma turba descontrolada pode ocorrer bem rapidamente, mas segue alguns passos que não apenas proporcionam avisos do que está por ocorrer mas, com frequência, oferece oportunidades de poder intervir durante as primeiras e menos perigosas etapas. O fator mais essencial em compreender a evolução está em reconhecer a diferença entre uma multidão e uma turba. A distinção é especialmente crítica em países como os Estados Unidos, onde as multidões têm proteção constitucional. A interferência prematura contra uma multidão pode vir a ocasionar problemas de índole legal e tática.

Multidões são apenas um ajuntamento de pessoas. São comportadas, talvez vocais e expressivas, mas geralmente seguem instruções por parte de autoridades legítimas. Ações táticas de controle de multidões limitam-se ao tráfico de pedestres ou na resolução de disputas isoladas, como por exemplo a ocupação de lugares durante as paradas, bloqueios de tráfego ou cruzamentos proibidos. Por outro lado, as turbas são beligerantes, provocativas e violentas. Representam uma grande ameaça e são quase impossíveis de controlar. As ações táticas são geralmente de posturas defensivas e incluem esforços para proteger os edifícios, impedir a pilhagem e os incêndios, e evitar ferimentos. Multidões requerem controle; turbas requerem intervenção. A importância de impedir que uma multidão se torne uma turba nem precisa ser justificada.

Regras de Engajamento como Leis de Guerra

Regras de engajamento precisas e apropriadas são a chave das operações de manutenção da paz. Se um governo perde ou abandona o poder, as regras de engajamento dos EUA podem ajudar a proporcionar uma base para o controle civil. Sem elas, a força de manuten-

ção da paz tem apenas regras arbitrárias e de improviso. Enquanto outras tarefas são importantes, as regras predominantes do pacificador são a restauração e a manutenção da paz.

Ocorre porém um problema porque “manter a paz” e “lutar pela paz” são diferentes missões e requerem diferentes regras de engajamento. Operações de manutenção da paz são tipicamente restritas ao uso da força mínima necessária para cumprir a missão. Nestas circunstâncias, regras de engajamento são desenhadas para impedir o começo ou escalonamento de um conflito. Assim, regras de engajamento defensivas requerem a existência de uma intenção hostil antes de que seja justificado o uso de força letal. Tais regras relativas ao uso de força mais se assemelham àquelas para agências de policiamento do que para unidades militares. Quando as forças de manutenção da paz se deparam com essas situações devem optar pelo uso apropriado da força.

Mesmo parecendo um conceito simples, dificuldades surgem em sua aplicação. Historicamente, as regras de engajamento têm sido necessárias apenas em situações envolvendo o uso de força letal. Com o uso mais recente de armas não letais, os comandantes estão tendo, mais cedo, maior capacidade de impor a sua vontade no conflito. Porém, porque os efeitos das armas não letais são temporários, rapidamente adversários voltam a ficar mais resilientes, exigindo o uso repetido da força. Descrevendo este fenômeno, um comandante frustrado comparou seus esforços como se estivesse “cavando na água.”

Segundo, as operações de manutenção da paz dependem de regras de engajamento apropriadas. Em sociedades tão privadas de governos legítimos que uma intervenção militar é necessária para restaurar ou manter a paz, as regras de engajamento tornam-se de fato a lei regente. Neste papel personificam os mínimos padrões da conduta civilizada e, em consequência, se tornam o padrão de medida para as forças de manutenção da paz, justas e humanitárias. Sendo assim, a aplicação destas regras por forças designadas para as missões de manutenção da paz é crítica. As leis internacionais, os tratados, as políticas nacionais e os costumes podem servir de guia, mas nunca foi criada uma aplicação completamente adequada.

Armas para a Paz

Quando se lida com tumultos e turbas, o sucesso depende mais do tipo de força e como será usada do que de seu efetivo. Armas não letais podem ser de vários tipos incluindo espumas, água, fogo, ou até gases.⁹ Assim, “armas de paz” podem não ser armas na acepção da palavra.

Geralmente, existem quatro tipos de tecnologia não letal. As mais conhecidas são as opções anti-pessoal desenhadas para deter indivíduos. A segunda classe é

O presidente F.D. Roosevelt em uma conferência com o General D. MacArthur, o Almirante Chester Nimitz, e o Almirante W.D. Leahy, durante uma visita às ilhas havaianas em 1944.



Durante a II GM o presidente Roosevelt declarou, “A paz, como a guerra, acontece somente quando existe o desejo de executá-la, e onde existe o poder disponível para executá-la.” A paz é uma causa nobre mas não de fácil alcance. O caminho que leva à paz mais se assemelha a uma faixa Mobius; torcida, sem fim e algo misteriosa.

anti-mobilidade e inclui aparatos que interferem com o transporte. A terceira trata de impedir passagem ou acesso a uma certa área ou região. A quarta classe tenta afetar as infra-estruturas. Estes instrumentos podem realizar a busca e a coleta de dados para a produção do conhecimento de inteligência, como de computadores ou de comunicações ou então degradar ou inibir o seu uso por parte de oponentes. A energia, água, as comunicações e o transporte de massas são exemplos comuns de serviços que podem ser alvos desta classe.

Em operações de manutenção da paz, uma força que emprega opções não letais tem cinco distintas vantagens sobre uma que não as emprega.

Primeiro, opções não letais são mais humanas.

Segundo, permitem ao comandante exercer mais controle sobre a situação. Porque as opções não letais exigem substancialmente menos provocação antes do engajamento, um comandante pode intervir na situação durante os estágios menos perigosos e mais cedo.

Terceiro, proporcionam ao comandante muito mais flexibilidade e liberdade de ação. Um comandante pode preparar sua resposta dependendo das circunstâncias.

Quarto, é menos provável que a situação se torne vi-

olenta. Espectadores serão menos propícios a sentirem alguma simpatia por pessoas que desafiam uma força de manutenção da paz sem serem mortos. E se fosse necessário recorrer ao uso de força letal, o fato de que opções não letais provaram ser ineficientes apóia a necessidade da escalada.

Finalmente, essas opções provocarão menos a opinião pública. Todas as operações de manutenção da paz provocam a controvérsia e o apoio público pode ser tornar um ponto decisivo.

Um entendimento profundo sobre o uso contínuo da força é fundamental no emprego de alternativas não letais. Historicamente, os objetivos militares têm sido alcançados por meio de matar ou destruir um inimigo. A força empregada era sempre letal e o sucesso da missão era julgado em termos da extensão e velocidade com as quais foram efetuadas a matança e a destruição. Um grande fosso existia entre uma ameaça presente e sua concretização. Considerar o emprego da força gradativamente permite uma série de opções. O começo deste espectro é ditado pela ameaça, enquanto que a força letal fica no extremo oposto. As alternativas não letais permitem ao comandante aumentar e diminuir a

quantidade de força necessária ao cumprimento da missão. Apesar das ações de vaivém da força serem geralmente constantes e fluídas, um exame cuidadoso revela cinco amplas categorias:

A entrada ao espectro do contínuo de força começa com algum tipo de ameaça. Esta pode ser uma ameaça explícita, tal como a afirmativa do comandante sobre as conseqüências de um desafio, ou então uma ameaça sugerida, deixando as conseqüências à imaginação. Das duas, a ameaça sugerida é a mais forte porque o que uma força de manutenção da paz *pode* fazer e o que ela está *disposta* a fazer muitas vezes depende bem mais das circunstâncias do que o adversário possa imaginar.

A próxima categoria envolve o uso de força física de natureza não coerciva. Geralmente, tais respostas incluem dispositivos que engajam o antagonista sem intervenção por parte dos membros da força de manutenção da paz. Exemplos são a concertina, obstáculos construídos com o uso de feno, varas de espuma ou espuma aquosa, — incrementados com outros tipos de obstáculos. Estas opções são de baixo nível no espectro de emprego da força, não pelos ferimentos que podem causar, mas porque são inofensivas até o momento em que um indivíduo decide enfrentá-las.

Mais acima no contínuo podem estar as munições que podem causar moléstia sem no entanto infligir trauma. Tais opções podem incluir granadas de clarão, gás lacrimogêneo, e *pepper spray* (pulverizador de pimenta). Apesar de causar bem menos danos físicos que a concertina ou obstáculos de ferro, o emprego destas

opções requer a decisão de intervir. Fatores como o adestramento, a maturidade, a disciplina, a discriminação, a emoção e o juízo afetam o seu uso e exigem ser vistas com mais atenção do que aquelas opções que envolvem o uso de apenas uma única e clara intenção.

Continuando na ascendência do espectro do uso da força, estão as munições que causam trauma. Exemplos podem ser cassetetes, projetis de borracha, resinas e outras armas de efeito moral. São geralmente o ponto de separação no espectro do uso da força entre o que é a força letal e a não letal. No mais alto ponto do espectro existem as opções letais. Apesar de que devem ser identificadas as condições que justifiquem o uso da força letal, as opções letais devem sempre ser vistas como parte do espectro do uso da força e não como uma opção aparte. Esta perspectiva evita a ambigüidade e a confusão a respeito de quando é autorizado o seu uso. Muitas situações que surgem de circunstâncias menos perigosas são resolvidas rapidamente antes de se precisar apelar para o uso de força letal. Os indivíduos com uma variedade de opções são mais propícios a serem ativos, ter a iniciativa e rapidamente reconhecer situações que exigem o uso de força letal do que aqueles compelidos a examinarem a situação restritos por parâmetros de escolha.

Durante a IIGM o presidente Roosevelt declarou, “A paz, como a guerra, acontece somente quando existe o desejo de executá-la, e onde existe o poder disponível para executá-la.”¹⁰ A paz é uma causa nobre mas não de fácil alcance. O caminho que leva à paz mais se assemelha a uma faixa *Mobius*; torcida, sem fim e algo misteriosa. **MR**

REFERÊNCIAS

1. Declaração feita por Gerry Adams, presidente da *Sinn Fein*, partido político irlandês, durante uma apresentação no show de Charlie Rose do canal WNET de televisão.
2. Discurso inaugural do presidente Richard M. Nixon, em 20 de janeiro de 1969.
3. “Orestes” por Eurípedes, traduzido por William Arrowsmith, Imprensa da Universidade de Chicago, Chicago, IL, 1959.
4. Às vezes identificada como “mentalidade de turba”.
5. A natureza de suas armas não implica que turbas são inofensivas. A mais antiga forma de execução é o apedrejamento e centenas de pessoas mundo afora são mortas e feridas por violência de turbas a cada ano.
6. Rick Baratta, “Firearms Training!,” *Law and Order Magazine*, março de 1999. Aproximadamente 90 por cento de todos os tiroteios envolvendo policiais ocorrem a menos de 20 pés e dentre esses, 75 por cento ocorrem a menos de 10.
7. Neil McAleer, “The Body Almanac: Mind-Boggling Facts about Today’s Human

Body and High-Tech Medicine, Doubleday & Co.”, Garden City, Nova Iorque, 1985. Existem dois motivos para isso. Quando exposta a uma luz intensa, a pupila do olho contrai em meio segundo. Outrossim, a visão noturna é obtida principalmente por um fluido no olho chamado rodopsina. Quando exposta a uma luz brilhante, este fluido rapidamente “branqueia” e pode demorar até trinta minutos a voltar à sua cor original.

8. A única exceção é quando algo causa o pânico na multidão. Este tipo de turba foge de algum tipo de ameaça, como a inundação, o fogo ou terremoto.

9. Em clima frio, um jato de água pode ser uma forte dissuasão. Em clima gelado, o gelo proporciona a falta de tração para viaturas e pedestres. Agentes especiais exalam cheiros ruins e nauseabundos.

10. O presidente Franklin D. Roosevelt, durante uma palestra na *Foreign Policy Association* na cidade de Nova Iorque, no dia 21 de outubro de 1944.

Charles “Sid” Heal é Oficial Especialista-Chefe na Reserva do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA. Chamado à ativa com frequência, ele é designado para o Diretório Conjunto de Armas Não Letais (Joint Nonlethal Weapons Directorate), em Quântico, Virgínia. Quando não está no comando é tenente do departamento do xerife de Los Angeles, Califórnia, onde serve como conselheiro no uso das opções não letais para a Comissão da Califórnia sobre os Padrões e o Treinamento do Policial (California Commission on Peace Officer Standards and Training). É bacharel pela California State University em Los Angeles e mestre pela California Polytechnic University em Pomona e mestre em Educação Pública pela University of Southern California. Trabalha há trinta anos no Corpo de Fuzileiros Navais e na Reserva tendo servido em mais de 20 países. Também foi conselheiro e instrutor no Programa de Assistência ao Treinamento de Investigações Criminosas (International Criminal Investigative Training Assistance Program) sobre as opções durante os distúrbios civis e o uso de armas não letais, na Bósnia.